

VELHICE DISSIDENTE E ABANDONO POLÍTICO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE ENVELHECIMENTO LGBTQIA+

DISSIDENT OLD AGE AND POLITICAL ABANDONMENT: A CRITICAL ANALYSIS OF MEDIA DISCOURSE ON LGBTQIA+ AGING

VEJEZ DISIDENTE Y ABANDONO POLÍTICO: UN ANÁLISIS CRÍTICO DEL DISCURSO MEDIÁTICO SOBRE EL ENVEJECIMIENTO LGBTQIA+



10.56238/revgeov16n5-316

Bonfim Gesio Lima dos Santos

Mestrando em Direitos Humanos

Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG)

E-mail: bonfimgesiolimadossantos@discente.ufg.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9277235139008990>

Orcid: <https://www.orcid.org/000900075098211X>

Thais Regina de Carvalho

Professora

Instituição: Universidade Federal de Goiás (UFG)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9012110153610792>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9807-554X>

RESUMO

Este artigo analisa os discursos jornalísticos sobre o envelhecimento da população LGBTQIA+ no Brasil, com ênfase na ausência sistemática de representações do homem gay negro na terceira idade. A partir de um corpus composto por matérias publicadas entre 2023 e 2025, adota-se uma abordagem qualitativa de cunho crítico-interpretativo, fundamentada em paradigmas pós-críticos e decoloniais. O método utilizado é a Análise Crítica do Discurso, articulada a referenciais teóricos sobre corpo, raça, sexualidade e velhice. Os resultados evidenciam a operação de uma invisibilidade programada, sustentada por silenciamentos discursivos, desertização e abandono afetivo-político. Conclui-se que os discursos midiáticos produzem uma representação regulada da velhice LGBTQIA+, excluindo sujeitos que destoam da norma branca, cisgênera e heteronormativa. O estudo aponta para a necessidade de reconfigurar epistemologias e práticas discursivas que reconheçam a centralidade de corpos negros, dissidentes e envelhecidos na produção de memória, desejo e cidadania.

Palavras-chave: Envelhecimento LGBTQIA+. Homem Gay Negro na Terceira Idade. Invisibilidade. Discurso Midiático. Interseccionalidade. Velhice Dissidente.

ABSTRACT

This article analyzes journalistic discourse on the aging of the LGBTQIA+ population in Brazil, with an emphasis on the systematic absence of representations of black gay men in old age. Based on a corpus composed of articles published between 2023 and 2025, a qualitative critical-interpretative approach is adopted, grounded in post-critical and decolonial paradigms. The method used is Critical Discourse



Analysis, articulated with theoretical references on body, race, sexuality, and old age. The results show the operation of a programmed invisibility, sustained by discursive silences, deserotization, and affective-political abandonment. It is concluded that media discourses produce a regulated representation of LGBTQIA+ old age, excluding subjects who deviate from the white, cisgender, and heteronormative norm. The study points to the need to reconfigure epistemologies and discursive practices that recognize the centrality of black, dissident, and aging bodies in the production of memory, desire, and citizenship.

Keywords: LGBTQIA+ Aging. Black Gay Men in Old Age. Invisibility. Media Discourse. Intersectionality. Dissident Old Age.

RESUMEN

Este artículo analiza los discursos periodísticos sobre el envejecimiento de la población LGBTQIA+ en Brasil, con énfasis en la ausencia sistemática de representaciones del hombre gay negro en la tercera edad. A partir de un corpus compuesto por artículos publicados entre 2023 y 2025, se adopta un enfoque cualitativo de carácter crítico-interpretativo, basado en paradigmas poscríticos y descoloniales. El método utilizado es el Análisis Crítico del Discurso, articulado con referencias teóricas sobre el cuerpo, la raza, la sexualidad y la vejez. Los resultados evidencian la operación de una invisibilidad programada, sostenida por silenciamientos discursivos, deserotización y abandono afectivo-político. Se concluye que los discursos mediáticos producen una representación regulada de la vejez LGBTQIA+, excluyendo a los sujetos que se desvían de la norma blanca, cisgénero y heteronormativa. El estudio apunta a la necesidad de reconfigurar epistemologías y prácticas discursivas que reconozcan la centralidad de los cuerpos negros, disidentes y envejecidos en la producción de memoria, deseo y ciudadanía.

Palabras clave: Envejecimiento LGBTQIA+. Hombre Gay Negro en la Tercera Edad. Invisibilidad. Discurso Mediático. Interseccionalidad. Vejez Disidente.



1 INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento, atravessado por marcadores sociais da diferença como raça, sexualidade e gênero, constitui uma experiência múltipla e profundamente desigual. No Brasil, marcado por desigualdades estruturais históricas, o envelhecer não se realiza de forma homogênea: enquanto alguns corpos transitam com segurança pelas instituições de cuidado e reconhecimento, outros experimentam o silenciamento, o abandono e a invisibilidade. Este artigo parte do incômodo epistêmico e político gerado pela quase total ausência do homem gay negro na terceira idade nas narrativas sociais contemporâneas, sobretudo nas produções jornalísticas que tematizam o envelhecimento da população LGBTQIA+.

A partir do exame de um corpus empírico composto por matérias publicadas em veículos jornalísticos brasileiros entre 2023 e 2025, propõe-se uma análise crítica dos discursos midiáticos sobre a velhice LGBTQIA+, com ênfase nos mecanismos de apagamento simbólico do homem gay negro na terceira idade. Busca-se compreender de que modo esses discursos reforçam ou tensionam dispositivos de poder que regulam quais corpos podem envelhecer com dignidade, visibilidade e desejo, e quais são relegados ao campo da abjeção, do silêncio e da deserotização.

A escolha da mídia como fonte empírica se justifica pelo seu papel central na produção de sentidos sobre os corpos, a sexualidade e a velhice. Como argumenta Fairclough (2001), os discursos não apenas refletem a realidade social, mas a constituem ativamente, moldando representações, afetos e regimes de verdade. Nesse contexto, analisar como a imprensa enuncia ou omite o sujeito gay, negro e velho permite acessar formas específicas de epistemicídio e exclusão discursiva, atualizadas sob o signo da contemporaneidade.

Inscrita no campo dos estudos críticos do corpo, da sexualidade, da raça e da velhice, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de cunho crítico-interpretativo, orientada pelo paradigma pós-crítico e decolonial. A epistemologia que sustenta esta investigação é situada, interseccional e insurgente, entendendo o conhecimento como prática encarnada e implicada na denúncia de desigualdades e na reinvenção de possibilidades políticas de existência (Haraway, 1988; Gonzalez, 1984).

O objetivo geral do artigo é analisar como o envelhecimento da população LGBTQIA+ tem sido representado nos discursos jornalísticos brasileiros recentes, identificando os modos pelos quais esses discursos silenciam, distorcem ou ausentam a figura do homem gay negro na terceira idade. Como objetivos específicos, pretende-se: (1) mapear os principais temas e enquadramentos utilizados pela mídia ao tratar da velhice LGBTQIA+; (2) examinar a presença ou ausência de marcadores de raça e gênero nos textos jornalísticos; e (3) articular os dados empíricos com referenciais teóricos críticos para construir categorias analíticas sobre memória, resistência, silenciamento e deserotização.



A hipótese que orienta esta pesquisa é a de que os discursos midiáticos, ainda que por vezes mobilizem categorias progressistas como diversidade, memória e resistência, permanecem estruturados pela branquitude e pela cisheteronormatividade. Dessa forma, contribuem para uma invisibilidade programada do homem negro, gay e envelhecido, negando-lhe o estatuto de sujeito político, de memória e de desejo. Assim, este artigo propõe não apenas descrever tais apagamentos, mas tencioná-los à luz de epistemologias que emergem dos próprios corpos abjetizados, racializados e dissidentes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CORPOS DISSIDENTES E A PRODUÇÃO DA ABJEÇÃO

A análise do envelhecimento de homens negros e gays no discurso midiático demanda uma reflexão crítica sobre a maneira como os corpos são produzidos, regulados e eliminados nos regimes de visibilidade contemporâneos. Os corpos LGBTQIA+, especialmente os que fogem aos padrões brancos, jovens, masculinos e heteronormativos, encontram-se situados nos limites do que é considerado socialmente inteligível. Esse processo é conceituado por Judith Butler (2004) como abjeção, isto é, a exclusão discursiva de sujeitos cujas existências desafiam as normas regulatórias do gênero, da sexualidade e da aparência corporal.

A abjeção, portanto, não é uma simples omissão, mas uma operação normativa que atua na fronteira do reconhecimento social, definindo quem pode ou não ser nomeado como sujeito. Ao se aproximar do envelhecimento, a performatividade de gênero, conceito central em Butler (1990), torna-se tensionada pelo desgaste do corpo, pelas narrativas de improdutividade e pela deserotização, que operam em conjunto para desautorizar a existência visível de sujeitos como o homem negro, gay e idoso. Tais corpos dissidentes não apenas sofrem o efeito do tempo biológico, mas também carregam os efeitos acumulados de regimes normativos de gênero, sexualidade e raça.

É nesse contexto que Paul Preciado (2014) nos convida a pensar o corpo como um território político e farmacopornográfico, onde tecnologias discursivas e biomédicas regulam as experiências da carne e da identidade. Se, na juventude, o corpo gay pode ser capturado e erotizado pela lógica de mercado e do consumo, na velhice, esse mesmo corpo tende a ser descartado, invisibilizado e desinvestido de valor simbólico. Essa lógica seletiva revela a intersecção entre capitalismo, sexualidade e idade como fatores determinantes na construção de subjetividades que importam e outras que se tornam descartáveis.

A contribuição de Guacira Lopes Louro (2008) é fundamental para pensar a produção da diferença nos corpos que transgridam a norma. Para a autora, os corpos são constantemente educados, performados e disciplinados, e é nessa prática reiterativa que se cristalizam noções de normalidade. No entanto, os corpos que desviam dessa normatividade (como o corpo velho, gay e negro) tornam-se



campos de disputa simbólica, desafiando os marcadores culturais e epistemológicos impostos sobre gênero e sexualidade. A própria noção de “corpo dissidente” remete à capacidade subversiva de certos sujeitos em existirem, mesmo quando interditados pelos discursos hegemônicos.

Compreender os corpos dissidentes na velhice implica situá-los como alvo de operações discursivas que os abjetam, marginalizam e silenciam. O corpo queer, negro e idoso, ao tensionar as fronteiras da visibilidade normativa, evidencia a lógica excludente que estrutura o campo discursivo da mídia e, por consequência, a produção social da memória e da política. Esse corpo, ausente nas narrativas jornalísticas analisadas, não é apenas invisibilizado: ele é interditado como possibilidade de sujeito.

2.2 ENVELHECIMENTO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

O envelhecimento é um processo biopolítica atravessado por construções simbólicas que associam a velhice à improdutividade, à fragilidade e à obsolescência. Quando esse processo se articula com marcadores de dissidência sexual e racial, os efeitos de invisibilização e silenciamento tornam-se ainda mais agudos. A velhice, nesse contexto, não é apenas um marcador etário, mas um campo de disputa semântica e política que define quais corpos envelhecem com dignidade e quais são descartados do horizonte da representação.

A produção discursiva da velhice no Brasil tem sido marcada por uma lógica heteronormativa e branca, que modela a figura do idoso ideal como alguém respeitável, dessexualizado e produtivamente aposentado. Tal modelo de referência exclui sujeitos que desafiam essas normatividades, como homens gays, negros e idosos, cuja presença pública ainda é sistematicamente marginalizada. Como aponta Maria Clara Bingemer (2011), o envelhecer é também uma experiência de exposição, de vulnerabilidade e de perda de inteligibilidade, o que exige novas gramáticas simbólicas capazes de reinscrever sentidos para o corpo velho.

José Eustáquio Diniz Alves (2019) contribui com dados demográficos e análises que revelam o crescimento expressivo da população idosa LGBT no Brasil. No entanto, o autor também destaca que esse envelhecimento ocorre sob condições de maior vulnerabilidade social, solidão, ausência de políticas públicas específicas e negação de redes de apoio afetivo e institucional. Essa vulnerabilidade não é naturalizada, mas socialmente construída, sendo intensificada pelos atravessamentos de raça, gênero e orientação sexual.

A discussão sobre memória é aqui fundamental, não como mero registro do passado, mas como dimensão política da subjetividade e da resistência. Guacira Lopes Louro (2008) destaca que a memória das experiências dissidentes é constantemente silenciada pelas estruturas normativas, o que compromete a construção de narrativas legítimas sobre outras formas de viver, envelhecer e existir. A



ausência do homem gay negro na terceira idade no repertório simbólico midiático evidência não apenas um problema de visibilidade, mas uma política ativa de esquecimento.

Nesse sentido, o conceito de resistência não se limita à ação explícita contra o poder, mas também se manifesta na manutenção de redes afetivas, na construção de identidades dissidentes e na reconfiguração da temporalidade queer. A velhice torna-se, assim, um tempo politicamente potente, capaz de tensionar a lógica do descarte e de reivindicar uma existência que não se submeta aos imperativos da juventude, da branquitude ou da heterossexualidade.

Richard Miskolci (2012) analisa as masculinidades dissidentes e suas formas de apagamento nos espaços públicos. O envelhecimento desses sujeitos é frequentemente ignorado tanto na literatura científica quanto nos meios de comunicação, o que configura uma ausência estratégica e sistemática. Quando representados, os homens gays são muitas vezes confinados a estereótipos hipersexualizados na juventude ou dessexualizados na velhice, o que dificulta a construção de imagens positivas e plurais do envelhecer dissidente.

Assim, pensar a velhice como campo de resistência implica reconhecer a memória como território de disputa simbólica e política, onde experiências dissidentes são reativadas, mesmo diante de mecanismos de exclusão. O corpo velho, queer e negro resiste não apenas ao tempo, mas também à lógica que tenta apagá-lo de toda narrativa histórica, midiática e institucional.

2.3 RACISMO, EPISTEMICÍDIO E SILENCIAMENTO DE CORPOS NEGROS

A compreensão da invisibilidade do homem negro e gay na velhice requer o reconhecimento de como o racismo opera não apenas como forma de exclusão social e econômica, mas como um regime epistêmico e discursivo de apagamento sistemático. No interior dos sistemas de produção de saber e de representação pública, o corpo negro é frequentemente desautorizado como sujeito de conhecimento, de afetividade e de reconhecimento político. Esse processo tem sido descrito por Sueli Carneiro (2005) como epistemicídio, isto é, a destruição e deslegitimação de formas de saber produzidas por sujeitos racializados, especialmente mulheres e homens negros.

O epistemicídio atua não somente na academia, mas também na esfera pública, inclusive nas representações midiáticas. No contexto deste estudo, sua manifestação mais contundente é a ausência quase total de narrativas sobre o envelhecimento de homens negros e gays. A interseção entre raça, sexualidade e velhice produz uma condição de extrema opacidade simbólica, na qual o sujeito não apenas não aparece, como também não é sequer considerado possível de aparecer. Trata-se de uma lógica de silenciamento estrutural que retira esses corpos da paisagem social e simbólica.

Lélia Gonzalez (1984) já apontava para o fato de que o racismo à brasileira opera por meio da negação da diferença, dissimulando o conflito racial em nome de uma suposta cordialidade. Na prática, esse mecanismo transforma o corpo negro em uma ausência discursiva. Quando combinado à



dissidência sexual e ao envelhecimento, esse corpo se torna ainda mais ininteligível, atravessado por múltiplas camadas de exclusão. O resultado é uma espécie de não-existência discursiva, em que o sujeito negro, velho e gay não é sequer imaginado pela mídia como parte do coletivo LGBT ou da população idosa.

A crítica ao racismo enquanto regime de invisibilidade se articula também ao conceito de necropolítica, formulado por Achille Mbembe (2018). A necropolítica designa o poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer, mas, no campo simbólico, refere-se também à morte social daqueles cuja existência é apagada dos sistemas de visibilidade. O corpo negro, quando dissidente da heteronormatividade, torna-se alvo privilegiado desse dispositivo, pois desafia duplamente os códigos raciais e sexuais do pertencimento nacional e da representação pública.

Nesse sentido, Patrícia Hill Collins (2019) contribui ao propor uma leitura interseccional das opressões e das injustiças cognitivas. Sua teoria da matriz de dominação revela como sistemas interligados de poder (racismo, sexismo, heteronormatividade e etarismo) produzem hierarquias de legitimidade e de escuta. Os homens negros e gays idosos, ao se situarem na intersecção desses sistemas, ocupam uma posição subalterna que os exclui sistematicamente dos regimes de verdade autorizados.

O silenciamento da velhice negra dissidente, portanto, não é um acaso ou uma lacuna que a mídia deveria espontaneamente corrigir. Trata-se de um efeito estrutural da racialização do saber e da imagem, que posiciona os corpos negros fora do campo de inteligibilidade da velhice respeitável e da homossexualidade midiaticamente aceita. Como tal, exige ser lido como sintoma de um modelo de mídia que opera segundo critérios de racialização do desejo, do pertencimento e da memória.

2.4 MÍDIA, DISCURSO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

A mídia contemporânea ocupa um papel estruturante na conformação de identidades, narrativas e regimes de verdade. Sua atuação ultrapassa a função informativa e se inscreve no campo da produção discursiva, participando ativamente da constituição dos sujeitos e dos modos de vida que são reconhecidos como legítimos ou silenciados como abjetos. A análise crítica do discurso jornalístico sobre o envelhecimento da população LGBT+, em especial de homens negros e gays, requer, portanto, o entendimento da mídia como um dispositivo discursivo regulador, atravessado por relações de poder, saber e visibilidade.

Michel Foucault (1996) compreende o discurso como uma prática que produz efeitos de verdade, ao mesmo tempo em que constitui os sujeitos que dele participam. O que é dito, quem pode dizer e o que é silenciado são elementos centrais na análise dos processos discursivos. A mídia, nesse contexto, não apenas relata os acontecimentos, mas participa ativamente da construção das realidades possíveis e da delimitação do que é socialmente pensável. No caso da velhice LGBT+ negra e



dissidente, os silêncios não são neutros, mas reveladores das fronteiras discursivas que estruturam a normatividade midiática.

Stuart Hall (2003) contribui com a compreensão de que os meios de comunicação não espelham a realidade, mas a constroem por meio de práticas de significação. Suas análises sobre representação revelam como categorias sociais como raça, gênero, sexualidade e classe são constantemente codificadas e recodificadas pela mídia de forma a reproduzir hierarquias simbólicas. A ausência da figura do homem gay negro e idoso nas narrativas jornalísticas não é, assim, um mero esquecimento, mas uma operação semiótica que reforça a marginalidade desses corpos no imaginário social.

Essa leitura se articula ao referencial de Norman Fairclough (2001), para quem a linguagem é uma forma de ação social. A análise crítica do discurso, conforme proposta pelo autor, permite compreender como as estruturas textuais e discursivas reproduzem ideologias e relações desiguais de poder. Ao investigar as estratégias linguísticas e discursivas das matérias jornalísticas selecionadas, torna-se possível identificar como certos sujeitos são nomeados, descritos, ocultados ou estetizados, e como isso contribui para sua subjetivação como cidadãos reconhecíveis ou como figuras residuais.

Gayatri Chakravorty Spivak (2010) oferece uma chave fundamental para pensar a subalternidade no campo da representação. Segundo a autora, os sujeitos subalternos não são apenas excluídos dos espaços de fala, mas muitas vezes não conseguem sequer ser ouvidos quando falam, pois suas vozes não se inscrevem nos registros da escuta institucionalizada. A mídia, como instância legitimadora de falas, cumpre a função de filtro epistêmico, que seleciona quais narrativas merecem circular e quais são relegadas ao silêncio estrutural. O homem gay negro idoso, ao não ser representado, é submetido a uma dupla violência: o apagamento e a invalidação epistêmica de sua experiência.

Portanto, compreender a mídia como produtora de subjetividades implica reconhecê-la como uma tecnologia de poder que regula o campo do visível e do dizível. A análise crítica das notícias selecionadas neste estudo tem por finalidade revelar os mecanismos discursivos por meio dos quais determinados corpos, desejos e temporalidades são inscritos como inteligíveis ou interditados como excessivos. Ao mesmo tempo, essa abordagem possibilita identificar frestas, rupturas e resistências que emergem mesmo nas entrelinhas do discurso normativo.

3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

3.1 PARADIGMA PÓS-CRÍTICO E DECOLONIAL

A pesquisa se baseia em um paradigma pós-crítico e decolonial, que questiona a neutralidade e a objetividade da ciência moderna. Essa abordagem entende que o conhecimento é influenciado por relações de poder e exclusão, e busca ativamente confrontar as estruturas que marginalizam saberes e grupos racializados e dissidentes de gênero e sexualidade (Santos, 2010; Silva, 2009).



O compromisso decolonial do estudo critica o caráter eurocêntrico e cisheteronormativo das epistemologias dominantes, reconhecendo que a ciência moderna contribuiu para a invisibilização de subjetividades fora da norma (Gonzalez, 1984). Nesse sentido, a pesquisa é vista como um ato de desobediência epistemológica, onde o pesquisador se reconhece como um sujeito politicamente implicado na produção do conhecimento (Walsh, 2013), refutando a ideia de uma neutralidade científica.

3.1.1 Epistemologia situada e interseccional

A pesquisa se ancora na epistemologia situada de Haraway (1995), que entende o conhecimento como influenciado pela posição corporal, histórica e afetiva do pesquisador. Essa abordagem rejeita a universalidade abstrata e reconhece que marcadores sociais como gênero, raça, classe, sexualidade e geração moldam a forma como se produz o saber.

No contexto do artigo, isso significa que a análise do envelhecimento de homens gays e negros deve considerar suas experiências específicas, que são atravessadas por sistemas de opressão e privilégio. A interseccionalidade, aqui, não é apenas uma ferramenta de análise, mas uma condição fundamental do conhecimento (Collins, 2019). O estudo também usa a "epistemologia da carne" (Gonzalez, 1984) e as teorias queer racializadas para entender como o corpo e a experiência de sujeitos historicamente marginalizados, como homens negros e gays, produzem saberes que desafiam as normas da ciência.

Essa perspectiva interseccional é usada para mostrar como múltiplas opressões (como racismo, etarismo e homofobia) se unem para criar a invisibilidade discursiva desses sujeitos nos discursos sociais, mostrando que sua ausência não é acidental, mas estrutural.

3.2 TIPO E ABORDAGEM DA PESQUISA

3.2.1 Pesquisa qualitativa de cunho crítico-interpretativo

A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa crítico-interpretativa para analisar os discursos midiáticos sobre o envelhecimento de homens gays e negros. A escolha metodológica se justifica porque o estudo foca em como os sentidos e significados são atribuídos a esses sujeitos sociais, e não apenas na descrição de fenômenos observáveis (Denzin; Lincoln, 2006).

O eixo crítico-interpretativo parte da premissa de que os discursos sobre o envelhecimento de pessoas LGBTQIA+ não apenas refletem a realidade, mas a constroem (Scott, 1995). A pesquisa busca entender a velhice de homens negros e gays como uma dimensão simbólica, utilizando os marcadores sociais da diferença como elementos estruturantes da análise. O objetivo é captar as complexidades e a multiplicidade de sentidos que emergem (ou são silenciados) nos discursos jornalísticos. A análise reconhece que a mídia é um campo de disputas simbólicas onde são negociadas normas de gênero,



sexualidade, raça e idade, e que a presença ou ausência de certas narrativas é estratégica para a reprodução ou contestação da ordem social (Hall, 2003).

3.2.2 Pesquisa documental e análise crítica do discurso

A investigação utiliza uma pesquisa documental, focando na análise de fontes jornalísticas online publicadas entre 2023 e 2025, de veículos como G1, UOL, Agência Brasil, e outros.

A abordagem analítica adotada é a Análise Crítica do Discurso (ACD), baseada em Fairclough (2001), que entende o discurso como uma prática social ligada a relações de poder. A ACD permite analisar como os sujeitos são representados, silenciados ou posicionados na mídia, compreendendo que a linguagem não é neutra.

Inspirada em Foucault (1996), a pesquisa entende que os discursos não apenas descrevem, mas também criam regimes de verdade e normas, e que o apagamento discursivo de homens negros e gays na velhice é uma operação política. A ACD também permite explorar como a mídia utiliza certas categorias (como solidão, abandono, resistência) e como as ausências sistemáticas evidenciam processos de invisibilização. A pesquisa busca, assim, mostrar como as mídias corporativas e institucionais moldam a representação da velhice LGBTQIA+, especialmente a de homens negros e gays.

3.3 DELIMITAÇÃO DO OBJETO EMPÍRICO

3.3.1 Definição do recorte

O objeto de estudo consiste na análise de artigos jornalísticos que tratam do envelhecimento da população LGBTQIA+ no Brasil, com foco na representação (ou ausência) de homens negros, gays e idosos. O estudo foca na "invisibilidade discursiva sistemática" desses sujeitos, que se manifesta através do silenciamento e da ausência em discursos midiáticos (Fraser, 2007).

Essa invisibilidade é entendida como a sobreposição de estigmas e exclusões que impactam a presença desses indivíduos nos discursos que moldam a opinião pública. A racialização, sexualidade dissidente e o envelhecimento se combinam para criar um "sujeito abjeto" que não se encaixa na normatividade da mídia (Butler, 2004).

A pesquisa analisa tanto o que é presente quanto o que está ausente nos discursos jornalísticos, considerando a ausência como um elemento constituinte do estudo. O objetivo é mapear e problematizar como os discursos midiáticos reproduzem a presença e a ausência desses sujeitos, recusando a universalidade da categoria "idoso" e complexificando-a pela interseção com raça, sexualidade e idade (Mbembe, 2018; Crenshaw, 2002).



3.3.2 Critérios de seleção do corpus

O corpus da pesquisa é composto por matérias jornalísticas de acesso público publicadas entre 2023 e 2025 em veículos como G1, UOL, Agência Brasil, Portal do Envelhecimento, Fiocruz, Terra e AzMina. O recorte temporal foi escolhido devido ao aumento do debate sobre o envelhecimento da população LGBTQIA+, especialmente com a Parada LGBTQ+ de São Paulo em 2025, que teve o tema.

As buscas foram realizadas utilizando termos como “envelhecimento LGBT”, “homem gay idoso” e “população LGBTQIA+ idosa”, com a ajuda de ferramentas automatizadas e curadoria manual. As matérias foram selecionadas se tivessem conteúdo explícito ou implícito sobre o envelhecimento LGBTQIA+. A ausência de referências a homens negros, gays e idosos foi um foco de análise, pois essa invisibilidade é vista como uma tecnologia de poder (Spivak, 2010).

Textos meramente opinativos sem base empírica foram excluídos, e a preferência foi por textos informativos, analíticos ou investigativos. O critério de curadoria também considerou a diversidade de abordagens editoriais e geográficas para refletir a amplitude dos discursos e ausências sobre o tema no Brasil.

3.4 PROCEDIMENTOS DE LEVANTAMENTO DE DADOS

3.4.1 Bases e meios de busca

O levantamento dos dados empíricos foi feito através de uma busca sistemática em ambientes digitais, usando ferramentas de web search e operadores booleanos (AND, OR, aspas) para filtrar conteúdos relevantes e evitar ruído informacional (Bardin, 2011). O estudo focou em matérias jornalísticas de acesso público publicadas entre 2023 e 2025 em portais como G1, UOL, Folha de S.Paulo, Terra, e outros, com o objetivo de captar diferentes linhas editoriais e mitigar vieses.

A seleção das matérias foi orientada por temas como "envelhecimento LGBT", "homem gay idoso" e "população LGBTQIA+ idosa". A curadoria manual foi usada para verificar a autenticidade e a integridade dos textos. A pesquisa também priorizou textos informativos e analíticos, excluindo aqueles de caráter meramente opinativo, e incluiu conteúdos de abrangência nacional e regional para refletir a diversidade de discursos e ausências sobre o tema. A ausência de referências a corpos negros, gays e masculinos foi um foco de análise, vista como um mecanismo de poder (Spivak, 2010).

3.4.2 Categorias utilizadas nas buscas

As buscas foram norteadas por um conjunto de termos-chave formulados com base nas categorias analíticas centrais da pesquisa. As expressões foram previamente definidas com vistas à captação de discursos relacionados ao envelhecimento de pessoas LGBTQIA+, levando em consideração a interseccionalidade com raça, gênero e sexualidade.



Os principais termos e expressões empregados durante a busca foram: “Envelhecimento LGBT”; “Homem gay idoso”; “População negra idosa LGBT”; “Corpo envelhecido LGBTQIA+”; “Solidão LGBT velhice”; “Homem negro gay velho”; “Resistência, memória e invisibilidade”.

Esses termos foram combinados entre si em diferentes configurações, a depender do escopo da plataforma de busca, para ampliar o alcance e a variedade de resultados obtidos. Além disso, os termos foram aplicados em língua portuguesa, respeitando o contexto nacional da pesquisa e a produção jornalística brasileira contemporânea.

A escolha das categorias reflete a centralidade das dimensões simbólicas do corpo, do envelhecimento, da memória coletiva e da política de reconhecimento nos estudos de gênero, raça e sexualidade (Collins, 2019; Louro, 2008). Os termos não apenas operacionalizaram o levantamento, mas também serviram como filtros para garantir a consistência analítica do corpus selecionado.

3.4.3 Critérios de inclusão e exclusão

Para garantir a qualidade e a relevância do corpus, a pesquisa estabeleceu critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídas matérias publicadas entre 2023 e 2025, de veículos confiáveis, que abordassem temas como gênero, sexualidade, envelhecimento, políticas públicas, estigmas sociais, saúde, corpo e racismo. O critério de inclusão também abrangia reportagens que tratavam da velhice de forma interseccional, mesmo que de maneira não sistemática, para analisar a ausência representacional do homem negro e gay idoso.

Em contrapartida, foram excluídas matérias opinativas sem dados verificáveis, textos sensacionalistas e conteúdo não jornalístico, além de notícias que abordavam a velhice de forma genérica, sem relação com o objeto da pesquisa. O processo de triagem e categorização foi manual, visando a rastreabilidade e a reprodutibilidade do estudo no futuro (Flick, 2009).

3.5 ANÁLISE DE DADOS

3.5.1 Método: Análise crítica do discurso (ACD)

A análise dos dados foi conduzida pela Análise Crítica do Discurso (ACD), baseada nos trabalhos de Fairclough (2001), Butler (2004) e Foucault (1996). Essa abordagem examina os discursos jornalísticos como práticas sociais que criam regimes de visibilidade e invisibilidade para os sujeitos. A pesquisa se concentrou em como a mídia silencia ou marginaliza a velhice LGBTQIA+, com foco específico no homem negro e gay.

A análise considerou elementos como a linguagem, os sujeitos da enunciação, os regimes de verdade, os silenciamentos e as categorias semânticas. O estudo focou não apenas no conteúdo explícito, mas também nos "vazios discursivos" e nos não-ditos. Além disso, utilizou conceitos como abjeção, erotização, deserotização, resistência e performatividade para entender como os corpos que



não se encaixam nas normas são regulados discursivamente, seja pela exclusão ou pela superficialidade (Foucault, 1996; Butler, 2004).

3.5.2 Cruzamento com a teoria

A interpretação dos dados foi feita com base em referências teóricas interdisciplinares de estudos queer, decoloniais, da sociologia da velhice, estudos críticos da raça e epistemologias feministas, com o objetivo de produzir uma análise situada e engajada.

A pesquisa mobilizou a categoria de performatividade do corpo (Butler, 1990; Preciado, 2014) para compreender como a velhice, a dissidência sexual e de gênero se manifestam nos corpos como um espaço simbólico e político. A ausência de homens negros e gays idosos nos discursos midiáticos é lida como um efeito de "epistemicídio racial" (Gonzalez, 1984; Carneiro, 2005), o que mostra que sua invisibilidade não é acidental, mas uma consequência das hierarquias raciais.

A noção de masculinidades dissidentes (Miskolci, 2012) foi usada para interpretar os discursos jornalísticos como formas de reafirmar a masculinidade hegemônica branca e heterossexual. O estudo também usou os campos de estudos sobre envelhecimento e memória (Louro, 2008; Bingemer, 2011; Alves, 2019) para entender o corpo idoso como um espaço de resistência e apagamento, e como a mídia constrói seletivamente a memória coletiva.

3.5.3 Construção de Categorias Analíticas Emergentes

A partir da triangulação entre os dados empíricos e os referenciais teóricos, emergiram cinco categorias analíticas que estruturam a interpretação crítica do material:

- a) Invisibilidade programada: refere-se à ausência sistemática da figura do homem negro e gay idoso nas narrativas midiáticas, não como efeito acidental, mas como operação discursiva sustentada por processos de normatização e apagamento histórico.
- b) Silenciamento estrutural: diz respeito aos modos pelos quais os discursos sociais e institucionais deixam de nomear, reconhecer ou escutar determinadas subjetividades. Essa categoria se relaciona diretamente à lógica do epistemicídio e da desautorização simbólica.
- c) Resistência interseccional: expressa as formas de existência que desafiam a lógica da exclusão, ainda que de maneira fragmentada ou implícita nos discursos. Inclui aparições discursivas que denunciam solidão, abandono, mas também narrativas de autonomia, memória e reivindicação de direitos.
- d) Corpo queer racializado: designa o corpo do homem negro e gay idoso enquanto locus de convergência de múltiplas opressões, mas também como território de reinvenção subjetiva. A ausência desse corpo nos discursos não elimina sua existência, mas aponta para sua condição de ameaça à ordem simbólica hegemônica.



- e) Solidão afetivo-política: nomeia uma dimensão subjetiva que aparece nas narrativas analisadas e que remete ao isolamento social não apenas como condição individual, mas como sintoma de uma política do abandono que afeta sujeitos dissidentes na velhice.

Estas categorias não foram estabelecidas a priori, mas resultam de um processo de análise iterativa e crítica, com base na observação dos dados e no diálogo contínuo com o referencial teórico. Elas constituem ferramentas analíticas que articulam a materialidade discursiva com os regimes de poder e subjetivação em jogo.

3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICO-METODOLÓGICAS

A pesquisa se compromete com uma ética que vai além dos protocolos tradicionais, reconhecendo que, mesmo usando dados públicos, há implicações morais e políticas ao se trabalhar com sujeitos historicamente marginalizados (Gonzalez, 1984; Carneiro, 2005).

O pesquisador assume uma postura ético-epistemológica de "escuta atenta" aos silêncios e ausências, rejeitando a neutralidade e reconhecendo a parcialidade do conhecimento (Haraway, 1995). A metodologia é pautada na "justiça epistêmica" (Fricker, 2007), buscando reparar desigualdades de voz e credibilidade, e tratando o silenciamento não como falta de informação, mas como uma política de exclusão.

Além disso, a pesquisa evita a exposição individual dos sujeitos para não reforçar estigmas e se alinha a um projeto político decolonial que se opõe ao epistemicídio (Santos, 2010). A própria escolha do objeto — o envelhecimento de homens negros e gays — é um gesto ético que contribui para fortalecer epistemologias dissidentes, buscando coerência interna entre os objetivos, a teoria e a metodologia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 INVISIBILIDADE PROGRAMADA: A AUSÊNCIA DO HOMEM GAY NEGRO NA TERCEIRA IDADE NAS NARRATIVAS

A análise do corpus empírico revela um padrão reiterado de silenciamento discursivo em torno do homem negro, gay e idoso. Embora as matérias selecionadas abordem o envelhecimento da população LGBT+, essa abordagem se apresenta quase sempre de forma genérica, evitando quaisquer marcadores raciais ou de masculinidades dissidentes. Em matérias como a publicada pelo G1, intitulada “Volta ao armário, solidão, abandono, acesso à saúde: os desafios de envelhecer sendo LGBT no Brasil” (G1, 2025), não há qualquer menção à população negra ou à experiência interseccional da velhice atravessada por raça e sexualidade.

Esse apagamento discursivo não é casual, mas estruturado. Como argumenta Spivak (2010), a subalternidade não é apenas a condição de quem não fala, mas de quem não é escutado ou inteligível



nos regimes de representação autorizados. O silêncio sobre os corpos negros e gays idosos evidencia o que Sueli Carneiro (2005) conceituou como epistemicídio, ou seja, a destruição ativa de modos de existência e conhecimento produzidos por sujeitos racializados, sobretudo quando atravessados por dissidências de gênero e sexualidade.

A própria forma como as matérias organizam o sujeito LGBT envelhecido remete à lógica da universalização branca. Quando não se nomeia a raça, naturaliza-se a branquitude como padrão. Essa estratégia discursiva é analisada por Lélia Gonzalez (1984) como um dos fundamentos do racismo brasileiro, que se realiza não apenas por exclusão explícita, mas por assimilação simbólica e apagamento da diferença. O homem negro e gay, na velhice, se torna um corpo ininteligível, não previsto pelos esquemas de representação da mídia e, portanto, excluído da paisagem da velhice possível.

A ausência reiterada de sujeitos negros e dissidentes nos discursos sobre o envelhecer revela uma forma de invisibilidade programada, um dispositivo discursivo que atua na produção do que é possível ser dito e de quem pode ser representado. Os dados empíricos apontam para uma normatização do corpo envelhecido LGBTQ+ como branco, masculino cisgênero e urbano, o que restringe radicalmente a pluralidade de experiências vividas.

Essa forma de silenciamento opera como um mecanismo político e epistêmico. Como afirma Collins (2019), o controle da representação é uma das formas mais eficazes de manutenção das hierarquias sociais. Ao não incluir o homem negro e gay nas narrativas sobre velhice, a mídia não apenas o exclui do campo simbólico, como também legitima a sua exclusão material, afetiva e política.

Portanto, a análise do corpus evidencia que a ausência é, em si, uma presença discursiva estratégica, que reforça estruturas de poder racializadas e cisheteronormativas. O homem negro, gay e velho não é um "erro de percurso" das representações, mas um sujeito interditado, cuja existência, se reconhecida, exigiria a reconfiguração das próprias bases da inteligibilidade midiática e social.

4.2 O CORPO QUE ENVELHECE E NÃO DEVE SER VISTO: DESEROTIZAÇÃO E SILENCIAMENTO

Os discursos jornalísticos analisados constroem, de forma recorrente, uma imagem da velhice LGBTQ+ marcada pela solidão, pelo abandono e pela invisibilidade afetivo-sexual. A ausência de representações do desejo, da corporalidade e da intimidade na velhice indica um processo de deserotização simbólica, especialmente dos corpos dissidentes, negros, gays, afeminados e envelhecidos. Ao associar o envelhecer ao declínio e à perda, as matérias operam sob a lógica normativa da juventude como único tempo legítimo do desejo e da sexualidade.

Na reportagem da Agência Brasil, intitulada “Parada LGBTQ de SP discute o envelhecimento em meio à festa e reflexão” (Agência Brasil, 2025), destaca-se a presença da pauta da velhice no



evento, mas sem qualquer problematização da sexualidade na terceira idade. O corpo velho é tematizado como sujeito de direitos abstratos, mas não como sujeito de desejo. A linguagem empregada omite sistematicamente afetos, erotismo e práticas relacionais, o que reforça a ideia de que o corpo que envelhece deve ser privado de expressão sexual.

Essa deserotização opera como uma tecnologia de regulação da subjetividade, conforme discutido por Judith Butler (2004), ao indicar quais corpos têm autorização social para expressar desejo e quais devem se calar. O corpo envelhecido, especialmente o corpo negro e gay, é duplamente interditado: pelo etarismo que o considera desprovido de vigor e pelo racismo e cisheteronormatividade que o situam como não desejável.

Paul Preciado (2014) amplia essa leitura ao propor que o sistema farmacopornográfico opera não apenas regulando o corpo, mas também orientando os mercados do desejo. O corpo negro e gay velho, que não é consumível nem espetacularizável segundo essa lógica, torna-se invisível. Trata-se de um corpo não apenas silenciado, mas epistemicamente excluído das formas de desejo consideradas legítimas.

Na análise da matéria do Jornal Opção, “Envelhecimento LGBTQ+ em Goiânia: comunidade mais velha relata isolamento e exclusão” (Jornal Opção, 2025), os relatos reforçam esse quadro. Os sujeitos entrevistados falam de dificuldades em manter vínculos afetivos e em serem reconhecidos como sujeitos eróticos. O silêncio da cobertura sobre essas dimensões denota a ausência de um vocabulário público capaz de nomear o desejo queer na velhice.

Essa ausência não é desprovida de efeitos. Como argumenta Guacira Lopes Louro (2008), os corpos educam-se mutuamente por meio da repetição de performances e discursos. Quando o corpo dissidente envelhecido não é representado como desejante, produz-se um saber social que o reconhece apenas pela falta: falta de beleza, de funcionalidade, de erotismo. A mídia, nesse processo, atua como agente de normalização e supressão de identidades.

Tabela 1 – Marcas de deserotização e silenciamento nos discursos jornalísticos

Matéria analisada	Elementos destacados	Ausências significativas
Agência Brasil (2025)	Fala sobre políticas públicas e respeito à diversidade	Nenhuma menção a afetos, desejo ou intimidade
Jornal Opção (2025)	Depoimentos sobre solidão e exclusão	Ausência de representações positivas de relacionamentos na velhice
G1 (2025)	Termos como “abandono”, “recolhimento”, “solidão”	Nenhum relato sobre vínculos amorosos ou eróticos

Fonte: Elaboração pelo próprio autor.

Ao silenciar o desejo, essas representações constroem o corpo velho como um não-sujeito do afeto. Esse silenciamento é atravessado por marcadores sociais da diferença: os poucos registros sobre



a velhice gay existentes nos dados empíricos estão centrados em sujeitos brancos ou genéricos, desconsiderando interseccionalidades com raça e classe.

Essa análise reforça que o silenciamento não é ausência neutra, mas uma prática discursiva que regula o que pode ou não ser visível, amável e desejado. O corpo negro, gay e envelhecido, ao ser excluído dessa rede de reconhecimento, encontra-se situado em uma zona de abjeção que é, ao mesmo tempo, epistêmica e afetiva.

4.3 RESISTÊNCIA E MEMÓRIA: QUANDO O CORPO DISSIDENTE PRODUZ HISTÓRIA

A presença dos temas da memória e da resistência em algumas matérias do corpus analisado se destaca como um ponto de inflexão no panorama geral da invisibilidade e deserotização dos corpos envelhecidos LGBTQIA+. Em veículos como o Portal da Fundação Carlos Chagas e o Mundo GTV, observa-se a tentativa de atribuir valor político à experiência de envelhecer dissidente. No entanto, mesmo nesses espaços, a visibilidade é frequentemente condicionada à desracialização do sujeito e à neutralização de marcadores de gênero e classe, o que limita a potência insurgente desses discursos.

A matéria da Fundação Carlos Chagas (FCC), intitulada “Memória, resistência e futuro: pesquisador comenta desafios do envelhecimento da população LGBT e a garantia de direitos” (FCC, 2025), posiciona a memória como dimensão constitutiva da luta por cidadania. Destaca-se a valorização da história dos ativismos LGBT+ e a produção de narrativas capazes de tensionar o esquecimento institucional. Contudo, a ausência de recortes interseccionais compromete a complexidade do problema: não há qualquer menção à população negra, à experiência de homens gays racializados ou às desigualdades históricas que impactam o acesso a direitos.

Em termos foucaultianos, esse tipo de representação pode ser lido como uma forma de biopolítica discursiva: ao enunciar determinadas vidas como valiosas, desde que compatíveis com os padrões hegemônicos de respeitabilidade, o discurso estabelece fronteiras entre os sujeitos de memória autorizados e aqueles cuja experiência é descartável (Foucault, 1996). Assim, mesmo quando tematizada, a memória aparece desvinculada da crítica à colonialidade do poder, da sexualidade e da raça.

A matéria da Mundo GTV, que aborda o tema da Parada LGBT+ de São Paulo 2025, intitulada “Envelhecer LGBT+: Memória, Resistência e Futuro”, reforça essa lógica. A resistência é mobilizada como um conceito celebratório, fortemente associado à festa e ao orgulho, mas desconectado das dimensões estruturais da opressão. A representação do sujeito político LGBT envelhecido permanece majoritariamente branca, masculina e urbana, invisibilizando experiências subalternizadas e racializadas da dissidência.

Como argumenta Patricia Hill Collins (2019), a memória coletiva, quando narrada a partir de vozes dominantes, pode reproduzir as estruturas de silenciamento que busca denunciar. Ao excluir



sujeitos negros e periféricos das narrativas de resistência, o discurso midiático reinscreve a lógica da centralidade branca nos processos de enunciação histórica. O corpo negro, velho e gay não apenas é esquecido: ele é impedido de ser arquivo da memória coletiva.

Essa leitura encontra respaldo na contribuição de Guacira Lopes Louro (2008), que entende a resistência como prática performativa, incorporada nos corpos e nos gestos que desviam da norma. A ausência desses corpos desviantes nos textos jornalísticos indica uma recusa em reconhecer que é na carne marcada pela exclusão que a história se materializa de forma mais contundente. A memória, portanto, não é apenas narrativa, mas política de corpos.

A Tabela 2 sintetiza os aspectos mais recorrentes dessas representações e aponta as limitações observadas, especialmente no que se refere à interseccionalidade dos discursos sobre resistência e memória:

Tabela 2:

Matéria analisada	Aspectos destacados	Limitações discursivas observadas
Fundação Carlos Chagas (FCC)	Memória e ancestralidade como eixo político da velhice LGBTQ+	Pouco destaque à raça, classe ou gênero como intersecções do envelhecimento
Parada LGBTQ+ SP 2025 – Mundo GTV	Resistência como tema central da manifestação	Representações genéricas da velhice LGBTQ+
Portal do Envelhecimento (2025)	Histórias de vida como base para políticas públicas	Foco em trajetória individual sem aprofundar desigualdades estruturais

Fonte: Elaboração pelo próprio autor.

Dessa forma, ainda que o corpus revele uma incipiente mobilização de categorias como memória e resistência, estas se mostram normativamente moduladas. A resistência só é possível, nas representações midiáticas analisadas, quando traduzida em termos aceitáveis para a ordem do discurso dominante. O corpo negro, gay e idoso, que poderia reconfigurar o que se entende por resistência política, permanece ausente, interditado como sujeito de memória e, conseqüentemente, da história.

A noção de “multidões queer”, proposta por Preciado (2011), permite repensar os corpos envelhecidos LGBTQIA+ não apenas como vítimas de silenciamento, mas também como potências dissidentes capazes de desorganizar os regimes normativos de visibilidade. Essa perspectiva desloca o olhar da vitimização para a agência coletiva, sugerindo que o corpo velho, negro e gay pode ser parte de uma política micropolítica que opera na contramão das normas coloniais e biomédicas de sexualidade e tempo de vida. A multidão queer é, portanto, constituída por corpos que escapam à captura identitária, e cuja existência tensiona as fronteiras entre reconhecimento e recusa.



4.4 SOLIDÃO AFETIVO-POLÍTICA: ENTRE O ABANDONO SOCIAL E O Esvaziamento DO DESEJO

A solidão na velhice LGBTQ+ emerge nas notícias analisadas como um elemento recorrente, mobilizado não apenas como fato social, mas como marcador discursivo de um estado de desfiliação estrutural. Os corpos dissidentes, sobretudo quando atravessados por marcadores de classe, raça e sexualidade, são posicionados nos discursos midiáticos como sujeitos da ausência: ausência de redes afetivas, de pertencimento familiar, de políticas públicas e de reconhecimento.

Na matéria do G1 intitulada “Volta ao armário, solidão, abandono, acesso à saúde: os desafios de envelhecer sendo LGBTQ no Brasil” (G1, 2025), os entrevistados relatam sentimentos de isolamento e experiências de reclusão voluntária como mecanismo de proteção contra discriminações. O termo “volta ao armário”, usado no título, é emblemático e revela uma inversão trágica: o armário, que deveria ser superado como símbolo de opressão, torna-se refúgio na velhice, num contexto onde o afeto é negado e a presença social é desautorizada.

Judith Butler (2004) argumenta que os sujeitos só existem socialmente à medida que são reconhecidos no campo do discurso. Nesse sentido, a invisibilidade afetivo-política dos idosos LGBTQ+, e, em especial, dos homens negros e gays, evidencia uma dinâmica de não reconhecimento que opera como forma de exclusão ontológica. O sujeito que não é desejado, nem cuidado, nem representado, é também um sujeito cuja existência pública é constantemente negada.

A solidão, portanto, não deve ser lida apenas como condição individual ou emocional, mas como categoria política de exclusão, como propõe Sueli Carneiro (2005), quando denuncia o epistemicídio e a negação de humanidade plena aos corpos negros. Essa solidão é também resultado do que Achille Mbembe (2018) denomina necropolítica: uma gestão das vidas que podem ser abandonadas à própria sorte.

A ausência de menções à sexualidade e ao afeto nas matérias analisadas reforça esse cenário. Em nenhum dos textos do corpus há representação de vínculos amorosos na velhice LGBTQ+, tampouco de redes familiares escolhidas ou projetos de vida afetivos entre pessoas idosas. Essa ausência, como destaca Fairclough (2001), é parte constitutiva do discurso: aquilo que não se diz também produz sentidos. A produção discursiva da velhice LGBTQ+ como fase de retração, apagamento e isolamento constitui um regime de verdade que reduz os sujeitos ao silêncio e à inação.

As matérias jornalísticas, ao enfatizarem a solidão sem articular suas causas estruturais, operam sob a lógica de um humanismo liberal que transforma a falta de afeto em tragédia pessoal e não em sintoma de sistemas opressores. Desse modo, reitera-se a ideia de que envelhecer dissidentemente é um fracasso do sujeito, e não um produto de condições sociais, históricas e políticas específicas.

A Tabela 3 resume os principais dados empíricos referentes à solidão e ao abandono como categorias discursivas e existenciais recorrentes nos textos jornalísticos:



Tabela 3:

Matéria analisada	Dimensões da solidão e do abandono identificadas	Causas implícitas ou omitidas
G1 (2025)	“Volta ao armário”, relatos de isolamento e autodefesa contra discriminação	Nenhuma referência à intersecção com raça, classe ou masculinidades dissidentes
Agência Focruz (2025)	Solidão como risco à saúde mental de idosos LGBTQ+	Silenciamento das causas estruturais como racismo e LGBTQfobia sistêmica
Diário do Estado de Goiás (2025)	Exclusão da família de origem, ausência de políticas públicas	Nenhuma discussão sobre redes alternativas de cuidado ou afeto

Fonte: Elaboração pelo próprio autor.

Ao término da análise, compreende-se que a solidão vivida por homens gays e negros na velhice não é apenas ausência de companhia, mas expressão de um sistema que os abandona material e simbolicamente. A solidão é afetivo-política porque denuncia a precariedade dos vínculos sociais disponíveis para corpos que historicamente foram lidos como abjetos. Trata-se de uma experiência radical de desfiliação, onde o Estado, a mídia e a sociedade civil pactuam na produção de um não lugar para essas existências.

Ao tratar do erotismo como força vital e pedagógica, bell hooks (1999) aponta que negar o eros é negar a capacidade política dos corpos de sentir, criar e transformar. Essa perspectiva é crucial para a análise da solidão afetivo-política na velhice LGBTQIA+: o silenciamento da afetividade e do desejo nos discursos sobre homens negros e gays velhos atua como forma de epistemicídio. A ausência de vínculos afetivos e sexuais nessas narrativas desumaniza os sujeitos e impede que o eros funcione como energia de resistência e reinvenção. Reintegrar o erotismo como dimensão do envelhecer dissidente é, portanto, um gesto pedagógico e político.

No Manifesto Contra-Sexual, Preciado (2002) propõe a desnaturalização dos regimes sexuais e de gênero ao defender que o corpo é um campo de tecnologias e performances políticas. Essa chave conceitual é essencial para compreender como o envelhecimento dissidente, sobretudo de homens negros e gays, é regulado por dispositivos que organizam a sexualidade como norma produtiva. A deserotização desses corpos na velhice não é apenas uma ausência simbólica, mas uma estratégia de neutralização contra-sexual. Assim, o corpo envelhecido e dissidente, longe de ser residual, torna-se um espaço onde se disputa o controle social sobre o desejo, a afetividade e o tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos discursos jornalísticos sobre o envelhecimento LGBTQIA+ no Brasil revelou um padrão recorrente de silenciamento do homem negro e gay idoso. Apesar de avanços no reconhecimento da diversidade sexual e de gênero, os dados indicam que esse reconhecimento permanece limitado a representações brancas, jovens e normativas. O corpo negro, dissidente e envelhecido segue excluído das narrativas públicas, sendo raramente tematizado como sujeito de desejo, de memória ou de direitos.



A pesquisa demonstrou que, mesmo quando abordam temas como solidão, resistência ou cidadania, os discursos analisados omitem marcadores estruturais como raça e classe. Esse apagamento reafirma a lógica de uma visibilidade regulada, que autoriza determinadas presenças enquanto interdita outras. A deserotização, o abandono afetivo e o não reconhecimento emergem como práticas discursivas que produzem a velhice negra e gay como um corpo descartável.

Ao integrar aportes teóricos dos estudos críticos de raça, gênero e sexualidade com uma análise empírica de fontes jornalísticas, este artigo evidenciou que a invisibilidade não é ausência acidental, mas efeito de regimes discursivos que operam por exclusão epistêmica e política. O enfrentamento dessa invisibilidade exige a produção de outras narrativas, situadas, interseccionais e comprometidas com a ampliação do campo do pensável.



REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Mês do Orgulho LGBTQIA+ exalta resistência de envelhecer. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-05/mes-do-orgulho-lgbtqia-exalta-resistencia-de-envelhecer>. Acesso em: 10 ago. 2025.

AGÊNCIA BRASIL. Parada LGBT de SP discute o envelhecimento em meio à festa e reflexão. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2025/06/22/parada-lgbt-de-sp-discute-o-envelhecimento-em-meio-a-festa-e-reflexao.htm>. Acesso em: 10 ago. 2025.

ALVES, José Eustáquio Diniz. A revolução da longevidade no Brasil. *Portal do Envelhecimento*, 2019. Disponível em: <https://portaldoenvelhecimento.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2025

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BINGEMER, Maria Clara L. *O humano revelado: envelhecimento, vulnerabilidade e sentido*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BUTLER, Judith. corpos que pesam. In.: LOURO, Guacira Lopes (orga). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo horizonte: Autentica, 1999

BUTLER, Judith. *Desfazendo o gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. In: SILVA, Petronilha B. da (org.). *Educação e relações raciais: apostila do curso de capacitação de professores*. Brasília: SECAD/MEC, 2005.

COLLINS, Patricia Hill. *Interseccionalidade como categoria analítica*. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 3, p. 1–18, 2019.

COSSUL, Danielli; BENDER, Mariluz Sott; SOTT, Michele Kremer. UMA ANÁLISE DO CAMPO DE ESTUDO LGBTQIA+ NO SÉCULO XXI: CONCEITOS E EVOLUÇÃO TEÓRICA.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Comitê para a Eliminação da Discriminação contra a Mulher da ONU sobre a interseccionalidade. *African American Policy Forum*, 2002.

DA SILVA, EMANUELLE CRISTHYNE AZEVEDO; DA SILVA, MAYARA ANDRESA PIRES. Corpos que resistem: uma discussão interseccional sobre etarismo e orientação sexual, a partir da série “LGBT 60+” de Yuri Alves Fernandes. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 11, n. 3, p. 357-388, 2024.

CALDAS, GUSTAVO HENRIQUE DE OLIVEIRA. Idosos LGBTQIA+: o envelhecimento nas telas do cinema contemporâneo. In: Edwaldo Costa; Willian Douglas Guilherme; Roger Goulart Mello. (Org.). **Ciências Humanas: Diálogos e perspectivas contemporâneas**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora E-publicar, 2023, v. 1, p. 68-88.

DE SOUSA, José Francisco. Subjetividade e identidade na velhice—o envelhecer e identidades LGBTQIA+. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 8, n. 19, p. e082353-e082353, 2025.



DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15–42.

DIÁRIO DO ESTADO GO. Desafios de envelhecer LGBT no Brasil: solidão, acesso à saúde e abandono. Disponível em: <https://diariodoestadogo.com.br/desafios-de-envelhecer-lgbt-no-brasil-solidao-acesso-a-saude-e-abandono/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

ESPÍNOLA, Isaura Emília Rodrigues et al. Envelhecimento e vulnerabilidade: perspectivas das pessoas idosas LGBTQIA+. **Rev Rene (Online)**, p. e83200-e83200, 2023.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FCC – FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Memória, resistência e futuro: pesquisador comenta desafios do envelhecimento da população LGBT e a garantia de direitos. *FCC*, 2025. Disponível em: <https://www.fcc.org.br>

FERREIRA, Camila Rocha; MATOS, Germanne Patricia Nogueira Bezerra Rodrigues; DA COSTA DOMINGUES, Marisa Accioly Rodrigues. Intergeracionalidade e envelhecimento LGBTQIA+: resultados qualitativos parciais de uma revisão de escopo.

FERREIRA, Luiz Antonio. "**Eu prefiro não pensar**": uma análise sobre os envelhecimentos LGBTT nos movimentos sociais e nos espaços de políticas institucionais no Rio Grande do Norte. 2025. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FERREIRA, Luiz Antonio; COSTA, Guilherme Luiz Pereira. Interseccionalidade e suas potencialidades nos estudos sobre velhices e envelhecimentos LGBTQIA+ no Brasil. *Revista Longevidade*, 2024.

FIOCRUZ. Radis pauta envelhecimento da população LGBT+. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br>. Acesso em: 10 ago. 2025.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, 20 ed., 2004. (capítulos: Poder e corpo; o olho do poder; não ao sexo rei; sobre a história da sexualidade).

FRASER, Nancy. *Reenquadrando a justiça em um mundo globalizado*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 507–534, 2007.

FREITAS, Margarida Karolaine de Sousa. As potencialidades das experiências estéticas enquanto estratégia de cuidado para pessoas LGBTQIA+ em sofrimento psíquico. 2022.

FRICKER, Miranda. Epistemic injustice: power and the ethics of knowing. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS (FCC). Memória, resistência e futuro: pesquisador comenta desafios do envelhecimento da população LGBT e a garantia de direitos. Disponível em: <https://www.fcc.org.br>. Acesso em: 10 ago. 2025.

G1. Volta ao armário, solidão, abandono, acesso à saúde: os desafios de envelhecer sendo LGBT no Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/15/volta-ao-armario->



solidao-abandono-acesso-a-saude-os-desafios-de-envelhecer-sendo-lgbt-no-brasil.ghml. Acesso em: 10 ago. 2025.

G1. Volta ao armário, solidão, abandono, acesso à saúde: os desafios de envelhecer sendo LGBT no Brasil. *G1*, 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/15/volta-ao-armario-solidao-abandono-acesso-a-saude-os-desafios-de-envelhecer-sendo-lgbt-no-brasil.ghml>

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 1984.

GRUPO GAY DA BAHIA. GGB divulga dados inéditos sobre o envelhecimento. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/ggb-divulga-dados-ineditos-sobre-o-envelhecimento/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

HALL, Stuart. A cultura e o poder. In: ORTIZ, Renato (org.). *Cultura e modernidade: ensaios sobre o pensamento de Stuart Hall*. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 35–66.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7–42, 1995.

hooks, bell. Eros, erotismo e processo pedagógico. In.: LOURO, Guacira Lopes (orga). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo horizonte: Autentica, 1999

JORNAL OPÇÃO. Envelhecimento LGBTQ+ em Goiânia: comunidade mais velha relata isolamento e exclusão. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2025.

JORNAL OPÇÃO. Envelhecimento LGBTQ+ em Goiânia: comunidade mais velha relata isolamento e exclusão. *Jornal Opção*, 2025. Disponível em: <https://diariodoestado.go.com.br/desafios-de-envelhecer-lgbt-no-brasil-solidao-acesso-a-saude-e-abandono/>

LEAL, Leonardo da Silva. Apagamentos e (in) visibilidades LGBTQIA+ do Espaço Cultural de Baturité. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAIA, Luís; RODRIGUES, Raquel; SANTOS, Ana Cristina. Envelhecimento LGBTQIA+: auscultando profissionais em contexto institucional. **Revista Estudos Feministas**, v. 32, n. 2, p. e93169, 2024.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009

MISKOLCI, Richard. *Desejos modernos: uma história da homossexualidade masculina*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

MSN. Festival Cine Inclusão 60 discute etarismo e envelhecimento. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/tv/noticias/festival-cine-inclus%C3%A3o-60-discute-etarismo-e-envelhecimento/ar-AA1L5KHs>. Acesso em: 10 ago. 2025.



MUNDO GTV. Envelhecer LGBT+: Memória, Resistência e Futuro é o tema da Parada LGBT+ de São Paulo 2025. Disponível em: <https://www.mundogtv.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2025.

OLIVEIRA, Fabiana Maria Rodrigues Lopes et al. Vulnerabilidade programática sob a perspectiva de profissionais e pessoas idosas LGBTQIA+: uma revisão de escopo. **Saúde em Debate**, v. 47, p. e9073, 2024.

PAULO, Cristina Monteiro; ESGALHADO, Graça. Religiosidade e envelhecimento bem-sucedido em homens gays e bissexuais mais velhos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 21, n. 1, p. 124-130, 2020.

PORTAL DO ENVELHECIMENTO. O desafio de envelhecer: uma lente sobre a população LGBTQIAPN+. Disponível em: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/o-desafio-de-envelhecer-uma-lente-sobre-a-populacao-lgbtqiapn/>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PRECIADO, Beatriz. Manifesto contra-sexual. Madrid: Pensamento Opera Prima, 2002.p.16-117
PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos anormais. Estudos feministas, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, v.19, n.1, p. 11-20, 2011

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 Edições, 2014.

REBELLATO, Carolina. **Envelhecimento LGBTQIA+: aspectos conceituais e vivências**. Folio Digital, 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23–71.

SANTOS, José Victor de Oliveira; ARAUJO, Ludgleydson Fernandes de. Envelhecimento Masculino entre Idosos Gays: suas Representações Sociais. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 21, n. 3, p. 971-989, dez. 2021 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812021000300008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 ago. 2025.

SANTOS, José Victor de Oliveira; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. Envelhecimento masculino entre idosos gays: suas representações sociais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 971-989, 2021.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? In: LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (orgs.). *A pós-colonialidade explicada aos nossos netos*. São Paulo: Autêntica, 2010.

TERRA. Reynaldo Gianecchini fala sobre envelhecimento: ‘toda idade tem sua beleza’. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/reynaldo-gianecchini-fala-sobre-envelhecimento-toda-idade-tem-sua-beleza,9a640f5dd37d5995bdcc562d911036f76q3b27st.html>. Acesso em: 10 ago. 2025.

TOLENTINO, Marcos Oliveira Amorim; FRACCAROLI, Yuri. “Eu quero sair, eu quero curtir, eu quero ser eu”: memórias de velhos e velhas dissidentes. **História Oral**, v. 24, n. 1, p. 29-64, 2021.



WALSH, Catherine. *Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des)de el Sur*.
Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 34, n. 123, p. 33–57, 2013.



ANEXOS

Links das notícias analisadas:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/15/volta-ao-armario-solidao-abandono-acesso-a-saude-os-desafios-de-envelhecer-sendo-lgbt-no-brasil.ghml> Acesso em: 10 ago. 2025

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-06/parada-lgbt-de-sp-discute-o-envelhecimento-em-meio-festa-e-reflexao> Acesso em: 10 ago. 2025

Memória, resistência e futuro: pesquisador comenta desafios do envelhecimento da população LGBT e a garantia de direitos | FCC - Fundação Carlos Chagas Acesso em: 10 ago. 2025

Envelhecer LGBT+: Memória, Resistência e Futuro é o tema da Parada LGBT+ de São Paulo 2025 - Mundo GTV Acesso em: 10 ago. 2025

<https://www.bing.com/videos/riverview/relatedvideo?q=envelhecimento+lgbt++em+not%C3%ADcias&mid=CBCC1DE63B1415E7CA90CBCC1DE63B1415E7CA90&mmscn=stvo&FORM=VIRE> Acesso em: 10 ago. 2025

Envelhecimento LGBT+ em Goiânia: comunidade mais velha relata isolamento e exclusão - Jornal Opção Acesso em: 10 ago. 2025

<https://www.msn.com/pt-br/tv/noticias/festival-cine-inclus%C3%A3o-60-discute-etarismo-e-envelhecimento/ar-AA1L5KHs?ocid=BingNewsSerp> Acesso em: 10 ago. 2025

<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/reynaldo-gianecchini-fala-sobre-envelhecimento-toda-idade-tem-sua-beleza,9a640f5dd37d5995bdcc562d911036f76q3b27st.html> Acesso em: 10 ago. 2025

<https://portaldoenvelhecimento.com.br/o-desafio-de-envelhecer-uma-lente-sobre-a-populacao-lgbtqiapn/> Acesso em: 10 ago. 2025

<https://grupogaydabahia.com.br/ggb-divulga-dados-ineditos-sobre-o-envelhecimento/>

Envelhecer LGBT+: Memória, Resistência e Futuro é o tema da Parada LGBT+ de São Paulo 2025 - Mundo GTV Acesso em: 10 ago. 2025

Radis pauta envelhecimento da população LGBT+ | Agência Fiocruz de Notícias Acesso em: 10 ago. 2025

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-05/mes-do-orgulho-lgbtqia-exalta-resistencia-de-envelhecer> Acesso em: 10 ago. 2025

<https://diariodoestado.go.com.br/desafios-de-envelhecer-lgbt-no-brasil-solidao-acesso-a-saude-e-abandono/> Acesso em: 10 ago. 2025

